

SBH
HP 19.1.20
(1/7)

DEPOIMENTO SOBRE SÉRGIO BUARQUE

Adélia Be-erra de Meneses

O "gênero" depoimento, em se tratando de alguém do quilate de Sergio Buarque de Hollanda, é algo de muito complicado: porque oscila entre repetir banalidades (um grande homem, um dos pilares da reflexão crítica sobre o Brasil, etc) e o anedotário pessoal. E dentro dessa segunda modalidade, há sempre o risco de autopromoção, de se autovalorizar a propósito da personagem em questão: como eu o conheci, o que ele me disse, etc., etc. E há também o risco de se perder na emoção.

Mas aqui não se trata de uma palestra objetiva sobre a obra de Sergio Buarque, ou de um estudo crítico sobre Raízes do Brasil ou qualquer outro de seus livros; espera-se mesmo um testemunho pessoal. Estamos juntos aqui para falarmos de Sergio Buarque, para nos transmitirmos as impressões que ele provocou em cada um de nós. Pois a eficácia de sua atuação não se limita apenas aos livros, aos seus escritos, mas ela pode medir-se também pela marca, pela impressão forte que ele deixou naqueles --como parece ser o nosso caso -- que tivemos a chance de conhecê-lo, de conviver um pouco com essa criatura extraordinária. E é assim que a Tradição se transmite: numa narrativa direta e pessoal, no testemunho, como no I Juca Pirama, daquele "Meninos, eu vi!"

Então, apesar de todas as dificuldades, vamos lá nessa "tentativa de mitologia" que é um depoimento pessoal.

Sergio Buarque surge para mim em dois níveis diferenciados; ou, melhor, o meu conhecimento de Sergio Buarque tem duas fases, duas etapas. Na primeira, eu o conheci pelos livros e vi nele o intelectual, o homem que me ajudou a construir uma visão sobre o Brasil, o Autor de Raízes do Brasil e Visão do Paraíso; o Autor de Cobra de Vidro e de Tentativas de Mitologia -- em suma, eu o descobri inicialmente como o homem de uma poderosa força intelectual. Na segunda etapa, eu o conheci como o pai do Chico. E aí eu o descobri como alguém de um enorme potencial afetivo. E me dei conta do quanto, numa personalidade riquíssima e pujante como a dele, grandeza intelectual e intensidade afetiva podem se equacionar.

Na 1ª fase -- em que, como estudante de Letras da USP, eu o conheci através de livros, fiquei impressionada com a sensibilidade que esse historiador demonstrava ao tratar de temas literários: penso nos

SBH
4p 19 & 20
(21f)

seus estudos iluminadores sobre João Cabral, Bandeira, Drummond, Machado, Lima Barreto; sobre o Barroco. Lembro-me de que uma das coisas que me fascinaram foi a poeticidade dos títulos que ele escolhia para seus livros: Visão do Paraíso, Raízes do Brasil, Caminhos e Fronteiras, Tentativas de Mitologia, e sobretudo Cobra de Vidro: uma unidade que se re conquista a partir da fragmentação. E não só os livros, mas também os títulos de capítulos carregam uma carga poética: "Branco sobre Branco" (sobre João Cabral), "Bom Dragão" (Raul Bopp), "Rebelião e Convenção" (sobre Drummond), "O lado oposto e os outros lados" (sobre Oswald de Andrade).

Mas devo confessar que grande parte da minha visão sobre Sergio Buarque, nessa etapa, foi mediada pela visão de Antonio Candido, meu Orientador. (E é sempre extremamente enriquecedor conhecer alguém pelos olhos de um amigo). E o Professor Antonio Candido, que conheceu Sergio Buarque em 1943; que dedicou seu livro Literatura e Sociedade a Maria Amélia e Sergio Buarque de Hollanda; que tinha na sua salinha da USP uma foto de Sergio Buarque, dependurada junto aos livros que o próprio Sergio tinha doado à Cadeira de Teoria Literária -- falava muito do Professor Sergio, sobretudo nos seus seminários com os orientandos. Falava muito: desde coisas do tipo do que já fora registrado por escrito, por exemplo no seu Prefácio a Raízes do Brasil -- em que diz que sua geração tinha aprendido a refletir e a se interessar pelo Brasil em função de 3 livros: Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freire; Formação do Brasil Contemporâneo, de Caio Prado Jr.; e este, Raízes do Brasil -- até coisas mais pessoais, como uma deliciosa correspondência que ambos inventaram, em português do século XVII. Uma das fases dessa troca de cartas (porque houve mais de um período, dependendo das viagens e dos percalços da vida dos dois amigos) se estendeu pelo ano de 1952, e era feita numa linguagem de 3 séculos atrás: 1652. A correspondência -- deliciosamente maliciosa -- se travava entre o Licenciado Antônio de Mello (Antonio Candido) e Sergio Buarque de Hollanda Cavalcanti de Albuquerque Maranhão -- ou Sérgio Buarque dos Países Baixos, como o chamava um outro amigo comum. Nessa correspondência, os dois missivistas se deparavam com problemas do tipo de como transpor realidades do Rio de Janeiro da década de 50 para a linguagem do século XVII: por exemplo, falando da chegada, por avião, de um amigo, diziam que ele desembarcara de um "pássaro de ferro"; os biquínis das moças das praias do Rio viraram "biquinhos", e assim por diante. Cheguei a ver uma dessas cartas, mostrada pelo Prof. Sérgio, e era realmente deliciosa, misturando inteligência e malícia, engraçadíssima, num português arcaizante e extremamente expressivo: uma peça literária. Aliás, esse pendor para o uso de um timbre arcaizante foi já notado no estilo de Sérgio Buarque de Hollanda por Manuel Bandeira,

que aponta um certo casticismo na prosa do Autor de Visão do Paraíso, haurido não dos clássicos portugueses, mas sim "das Atas da Câmara da Vila da S. Paulo, das Ordens Régias e dos testamentos quinhentistas". E Sérgio Buarque comenta, na Introdução a Tentativas de Mitologia, que mais tarde contou a Bandeira que antes mesmo de ler as Atas da Câmara, ainda aluno de preparatórios, ele ia muitas vezes à antiga Biblioteca do Estado de S. Paulo, à Praça João Mendes, e aí lia cronistas portugueses, especialmente Fernão Lopes (sobretudo o das Crônicas de D. Pedro, o Cru). E deles guardava apontamentos, em cadernos de escola. E Sérgio Buarque comenta, com aquele humor e franqueza que lhe eram peculiares, que essa curiosidade pelos cronistas antigos não significava sinal de uma vocação embrionária para o estudo da história. Diz ele textualmente:

"Pelo teor das notas tomadas, concluo que um dos motivos do entreter-me em tais escritos, era a presença neles de palavras e construções curiosas que, para meu gosto da época, tinham o seu tanto de cômicas, e, não raro, de algumas escabrosidades, que se intrometem na linguagem, aliás bem solta, daquelas austeras personagens que, por dever e deleitação, escreviam a história do reino lusitano, e assim também das que faziam ainda mais do que escreviam essa história, e é o que se dá com Albuquerque o terribil. De muito acostumado que fiquei com ~~tais~~ formas tais, não seria de admirar se, com o tempo, apelassem insensivelmente para elas, impressionado pela força de expressão que possam transmitir, mais ou menos como outros recorrem aos estrangeirismos, a neologismos e até a gíria, esperando acordar o leitor para um tipo de sensibilidade que a linguagem escrita, entorpecida pela usura, já não chega a provocar". (Pág. 19 de Tentativas de Mitologia).

Diz Antonio Candido que, numa outra fase, a correspondência entre ambos se fez em inglês do século XVII, e depois, um dia Sergio Buarque de Hollanda ^{escreveu} ~~respondeu~~-lhe uma carta em latim. E aí cessou a correspondência entre ambos.

Mas, voltando à minha visão de Sergio Buarque de Hollanda, mediada por Antonio Candido: nós, seus alunos, sentíamos que havia um rico intercâmbio intelectual e afetivo entre essas duas extraordinárias personalidades. E talvez tenha sido a transmissão desse cálido testemunho de uma grande admiração intelectual entre pares, e de uma intensa ligação afetiva entre os dois, que me fez, ao entrar em contacto com a obra de crítico literário de SBH, pensar em tomá-la como objeto de tese de Doutorado (sob orientação de Antonio Candido). Mas exatamente quando eu comecei a pesquisar nos jornais os artigos de crítica literária de Sérgio Buarque (por volta de 79, ano, aliás, em que foi publicado Tentativas de Mitologia), uma Editora me encomendou, para uma Coleção intitulada "Literatura Comentada" uma antologia das letras das canções de Chico Buarque, acompanhada de um estudo crítico. Aí, ao ter que fazer um estudo analítico dos poemas, e uma apresentação da época, vi que poderia render muito uma análise ideológica da obra de Chico Buarque, me entusiasmei -- e mudei de tema de tese: trai o pai pelo filho. Lembro-me de que estava imensamente atrapalhada ao procurar o Professor Antonio Candido para participar-lhe que estava pensando nessa traição. Conte-lhe do ensaio que

tinha feito para a Editora Abril, do material todo que tinha levantado, e que era bastante rico e tinha sobrado (pois o trabalho era necessariamente restrito, inclusive com um número predeterminado de páginas); contei-lhe que tinha tido a idéia de estabelecer um paralelo entre o percurso poético de Chico Buarque e a trajetória política do país, de 64 em diante. E isso era para mim particularmente instigante, porque, nesse paralelo entre o poético e o político, eu sentia que poderia recuperar os elementos da biografia de uma geração: a minha. Em outras palavras: era possível descobrir aí uma poesia que conta a história do seu tempo. Mas, continuando: expus aplicadamente a Antonio Candido os motivos que me fizeram decidir-me pela mudança de tema de tese, e ao fim do meu arrazoado (a própria dificuldade que ainda hoje eu enfrento para justificar essa troca -- as delongas e o encomprimento do assunto, aqui, agora, por exemplo -- revelam, como se vê, que esse não era um assunto tranquilo) -- ao fim do meu arrazoado, muito atrapalhada, fiz a pergunta: "Professor, o senhor acha que Chico Buarque dá tese?" E a resposta, rápida: "Adélia, Chico Buarque dá samba".

No entanto, isto -- o fato de eu não ter feito tese sobre Sérgio Buarque de Hollanda crítico literário, mas ter feito tese sobre Chico Buarque -- foi o que, contraditoriamente, me fez conhecer o Professor Sérgio pessoalmente, não mais como intelectual, como escritor, mas como amigo, um grande amigo. (E isso nos anos finais de sua vida).

Eu o conheci, realmente, de início, repito -- falo de conhecimento pessoal -- como "pai do Chico". A minha tese tinha chegado às mãos dele através de um amigo comum, o Darcy Ribeiro; ele a leu rapidamente, e me telefonou, dizendo: "Venha aqui". (Acho que tínhamos em comum uma grande admiração pela obra poética de Chico Buarque...) E aí eu comecei a frequentar a casa da Rua Buri -- aquela casa maravilhosa, cheia de livros -- os livros que agora estão aqui, na UNICAMP -- e pude experimentar a calorosa hospitalidade do Prof. Sergio e de D. Maria Amélia. E se por causa da tese sobre Chico é que eu pude conhecer pessoalmente D. Maria Amélia e o Prof. Sérgio, por outro lado, no entanto, conhecer esses dois me deu elementos para entender melhor o Autor Chico Buarque, poeta e compositor. Desculpem-me, mas é impossível falar de um sem tocar no outro. Um revela o outro, numa certa medida, para mim, um conduz ao outro. A desenvoltura com que Chico manipula o material verbal, por exemplo, aliada à amplidão de suas referências culturais e humanas não se devem exclusivamente a uma sensibilidade especial, vinculada a talento, mas a uma convivência familiar extremamente fecunda: aí eu descobri os elementos formadores de uma personalidade rica e multiforme, que instrumentaram o artista de hoje. Em Sergio

Buarque e Maria Amélia eu descobri as "raízes" da sua sensibilidade, a sua preocupação com o social, o seu equacionamento universal dos problemas, a marca de intelectual que esse compositor popular carrega, sua sensibilidade pela palavra. Seria interessante que algum biógrafo dublado em crítico mostrasse na obra de Chico Buarque rastros de influência do pai: a "cobra de vidro" que aparece numa das canções da peça Calabar tem dono; o "pecado rasgado" que não existe ao sul do Equador contém uma inescapável referência histórica; na própria escolha de temas históricos para suas peças de teatro, encontramos Chico Buarque como um ativador da memória nacional, da memória histórica. Quando Chico nas suas peças se volta para o passado, não será para mergulhar nele, mas para entender melhor o presente, repropondo ao debate popular a história do Brasil. Assim, em Calabar, esse filho de historiador empreende uma reconsideração do papel histórico da personagem Calabar, pretendendo lançar à nossa história um olhar que não seja necessariamente o olhar do colonizador; tanto em Gota d'Água como na Ópera do Malandro há uma revisão crítica do capitalismo. Repito que possa parecer estranho que, num depoimento sobre o pai, eu comece a falar do filho; mas, -- que fazer? -- foi por esse viés que eu acabei conhecendo o Prof. Sérgio. E nessa família acontece algo de extremamente raro: se se pode dizer que Sérgio Buarque foi um dos homens mais significativos de sua geração, o mesmo pode-se dizer de seu filho.

Mas não conheci só o pai do Chico: foi também o pai de Sergi-to, Miúcha, Álvaro, Ana Maria, Cristina e Maria do Carmo; ~~um~~ o pai de tanto filho artista; o sogro de João Gilberto; o amigo fraternal de Vinícius; o "papioto" dos seus netos; e o marido de Memélia. (E aqui, mais do que nunca, se prova que por trás de um grande homem, na maioria das vezes há uma grande mulher, mesmo). A contribuição de D. Maria Amélia à obra do Prof. Sergio não foi apenas de providenciar a ele o suporte material para os seus estudos e sua produção; ela o ajudava também em termos intelectuais. Várias das anotações de Sérgio, que eu vi, feitas em arquivos da Europa, e que serviram de base para os seus livros, estão escritas com uma letra feminina: a letra de Maria Amélia.

Sinto que agora estou na crista dos riscos que apontava no início da minha fala, inerentes a um depoimento: riscos do anedotário (pois é através das historinhas que várias facetas de uma personalidade aparecem); da auto-promoção (pois ser amigo de Sergio e Maria Amélia Buarque de Hollanda, e poder ter entrado na sua intimidade engrandece qualquer um); e risco da emoção. Porque essas histórias o tornam muito vivo e quase presente aqui, para mim.

SBH
Hp 19 Texa
(6/7)

Mas que não haja tristeza nessa emoção: era incrível o potencial de ALEGRIA de que dispunha Sérgio Buarque, hospitaleiro, brincalhão, boêmio, jovial, dono de um excelente humor e de um paletó vermelho que era o próprio símbolo do anti-convencionalismo, e que ele envergava para ir a reuniões do PT e a jantares do Maksoud Plaza.

Sua capacidade de entusiasmo pelas causas e pelos movimentos manteve-se intacta até o fim da vida. Quando, em 81, houve o risco de intervenção na UNICAMP, e contei ao Prof. Sergio que estava encarregada de fazer circular em São Paulo ~~uma manifestação~~, um abaixo assinado em Defesa da UNICAMP, para o qual eu deveria colher o maior número de assinaturas possíveis, Sérgio Buarque não apenas foi o primeiro a assinar, como tomou a iniciativa de providenciar ^{ações} ~~assinaturas~~: telefonou para a casa do Caio Prado Jr., anunciando que eu iria lá com o Manifesto; depois convidou-me a ir com ele a uma reunião na casa do Suplicy, em que estaria a cúpula do PT, onde colhi as assinaturas de Lula, Bicudo, Plínio de Arruda Sampaio, Bete Mendes, Weffort, etc, etc. E ele, com um sorriso cúmplice: "Garanto que a sua lista é a melhor de todas!" Como se eu fosse uma colegial, a quem ele ajudara a cumprir direitinho sua tarefa, e que apresentaria a melhor lição de casa da turma...

E há o lado moleque de Sergio Buarque, que, às vésperas dos 80 anos, meses antes de morrer, ~~me convidou~~ um dia convidou-me a ir a sua casa, pois tinha descoberto em seus papéis uma das cartas da famosa correspondência sua com Antonio Candido, em linguagem seiscentista, e se dispunha a lê-la para mim -- o que, dado o teor travesso e malicioso de algumas passagens, se revestia para ele dos encantos da transgressão.

E há o lado espontâneo e anticonvencional do Professor Sérgio, de uma espontaneidade comovente, de criança. Um dia -- com os problemas pulmonares agravados, e com um diagnóstico inicial de pneumonia -- ele me telefona e diz: "Você não quer vir me visitar? Eu estou doente!" Qualquer outro normalmente esperaria visitas; ele, com sua deliciosa espontaneidade, infringe convenções.

O clima de relacionamento que ele e D. Maria Amélia estabeleciam naquela casa da Rua Buri era de uma qualidade de comunicação intensa e rara. "Se isso não fosse envelhecê-la consideravelmente", disse-me o Prof. Sergio uma vez, "eu diria que nós fomos companheiros de infância". Ele conseguia ultrapassar barreiras de idade.

Mas há uma maneira de presença sua, concreta, aqui na UNICAMP, não apenas da ordem da saudade; uma presença intelectual, ativa e instigante: refiro-me à sua Biblioteca. Uma Biblioteca orgânica no seu conjunto é a obra de um homem, assim como um livro seu, assim como um filho. Também é a obra de uma vida.

Através de uma Biblioteca pode-se vislumbrar as referências culturais não apenas de um homem, de um intelectual, mas de toda uma geração. A formação de uma biblioteca carrega marcas de uma evolução intelectual, carrega marcas históricas, a marca das escolhas -- e que são escolhas de instrumentos de trabalho. E essa sua biblioteca tão significativa, tão reveladora, iniciada no Rio de Janeiro, acrescida através de todas as suas viagens, e em cujo desenvolvimento pode-se acompanhar um percurso intelectual, está hoje aqui, na UNICAMP, e se constitui numa forma de presença fecunda de Sergio Buarque entre nós.

Campinas, 15 de abril de 1986
Adelino